

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## A EXPERIÊNCIA EDUCATIVA DO *ROLÉ NA PENHA*: REFERÊNCIAS CULTURAIS A PARTIR DA FAVELA

Ana Gabriela Saba  
Doutoranda UNIRIO  
anagabisa@gmail.com

### Introdução

O texto a seguir refere-se a um recorte da pesquisa doutoral. A estudo teve como uma de suas partes, a observação do projeto escolar *Rolé na Penha* no ano de 2019, como uma prática educativa de Educação Patrimonial dentro da linha de pesquisa de Memória e Patrimônio no Programa de Pós-graduação em Memória Social (PPGMS/UNIRIO). A metodologia empregada no estudo foi a etnografia. Como embasamento teórico utilizou-se o conceito de experiência (BENJAMIN, 1994) no processo educativo, a partir da narrativa; para pensar a educação como prática de liberdade (FREIRE, 1994, 2011; HOOKS 2017) e a construção do sujeito descolonizado (HALL, 2006; KILOMBA, 2019).

A proposta para este trabalho foi de trazer elementos para pensar o *Rolé na Penha* como uma prática educativa específica, que abre possibilidades para a educação das populações mais pobres e negras, em sua formação como sujeito social. O projeto foi elaborado a partir da matéria escolar de História, em uma escola periférica localizada na Vila Cruzeiro, favela do bairro da Penha na cidade do Rio de Janeiro. Uma prática pedagógica que foi desenvolvida coletivamente, com os alunos e apoio da direção escolar, para atender as demandas de reconhecimento do seu território e das memórias da comunidade, em sua maioria de alunos negros. A ideia do projeto é ser específico para atender a realidade local, mesmo que possa servir de inspiração para que outras práticas com suas cabíveis particularidades.

Um elemento que aparece na criação do *Rolé na Penha* diz respeito a língua, tratado aqui a partir do racismo linguístico (NASCIMENTO, 2019) e pelas barreiras sociais estabelecidas pela língua (FANON, 2008), fundamental na construção da própria narrativa. Ela permite a transmissão da experiência e apropriação do território, sendo seu uso importante aos processos educativos que se pretendam como prática de liberdade e entusiasmo (HOOKS 2017).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## **A experiência no processo educativo**

A experiência é um conceito para se pensar as práticas educativas, especialmente o projeto pesquisado. Walter Benjamin (1994) é o autor utilizado para a reflexão sobre a importância da experiência e sua relação com a narrativa. A experiência, para o autor, tem a ver com conhecimento e saberes transmitidos nas gerações, mas que não por isso são estagnados, pelo contrário, permitem a renovação e possibilitam a criatividade para novidades. A narrativa é, para Benjamin, a faculdade de intercambiar experiências. Na narração existe liberdade, como um fazer artesanal e tradicional. A narrativa evita explicações, trazendo consigo a livre interpretação da história, dando ao episódio narrado uma amplitude para além da informação.

No artigo *Experiência e Pobreza*, Walter Benjamin (1994), fala das experiências transmitidas nas narrativas, dos mais velhos aos mais novos, para que com o tempo pudessem compreender a experiência, um legado passado nas gerações. O autor salientou sobre a diminuição dos narradores, pessoas com palavras duráveis, ou que conseguiriam lidar com os jovens a partir da sua própria experiência. Ele considerou os tempos históricos difíceis, como o de guerra, quando as experiências são desmoralizadas, ou diante da fome a experiência do corpo. Benjamin anunciou a pobreza da experiência.

Os professores Anelice Ribetto e Valter Filé abordam uma importante relação da narrativa e experiência em Benjamin, com as práticas educativas: “Entendemos que a educação está vinculada aos encontros... Desde o ponto de vista da narração, a ação educativa pode ser pensada como experiência. O estudante é capaz de viver essa experiência que lhe foi transmitida” (2017, p.83). A narrativa não é apenas repetição, na concepção de Benjamin, há nela a possibilidade de novas experiências, ela é criativa sempre. Nesse processo é fundamental o ouvido, para a percepção de boas histórias. Anelice e Valter indicam que uma boa escuta não se relaciona com o silêncio, mas com um esvaziamento de si, para perceber o outro.

Adentrar no universo do outro para que ambos aprendam e ambos ensinem, em uma relação de troca, onde se faz possível a educação como uma construção coletiva. O educador Paulo Freire (2011) postula a prática de uma educação problematizadora, em que a relação

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

de ensino aprendizagem se estabelece com contínuas trocas entre educador e educando, ambos refletem sobre o seu papel e assim podem ensinar e aprender coletivamente. Para isso necessário que se supere a contradição dicotômica entre educador e educando. Pois é através da construção coletiva e dialógica do conhecimento, que se torna possível estabelecer uma continuidade para o ensino aprendido, onde o professor aprende enquanto ensina e o aluno ensina enquanto aprende, ambos sujeitos no processo educativo.

Mediante ao que é importante considerar, perceber e reconhecer a realidade do aluno e partir de onde ele observa e assimila o mundo. Na proposta da educação como prática de liberdade não se olha para o indivíduo isolado do mundo ou para o mundo isolado do indivíduo, mas é uma experiência de educação que percebe o mundo e o homem a partir de suas relações intrínsecas, sem a possibilidade de reflexão de um independente do outro. As condições de vida e visões de mundo do educador e dos educandos precisam ser evidenciadas e respeitadas para que possam se conectar. Paulo Freire elucida que: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2011, p.78).

Ao falar de sujeito, remete-se a concepção do sociólogo Stuart Hall (2006). Para o autor, no tempo presente estaríamos vivenciando as nuances do sujeito pós-moderno, um sujeito que está se tornando fragmentado, por suas várias identidades, muitas vezes sendo elas contraditórias ou mal resolvidas e não possuindo assim uma identidade fixa, essencial ou permanente. Hall menciona que a identidade se torna uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente, que “é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente.” (HALL, 2006, p.13). O autor conclui afirmando ser uma fantasia a formulação de uma identidade plenamente unificada, completa e segura.

Mesmo compreendendo a identidade como um elemento com mobilidade que possibilita vislumbrar as várias identidades formadoras do sujeito continuamente, é importante perceber que o ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural. Paulo Freire (1994, 2011) menciona a assunção, como um assumir-se. A proposição dele é que uma educação crítica é a que oportuniza aos educandos e educadores uma experiência profunda em que cada um se assume enquanto indivíduo; e assim sendo, pode

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

se relacionar, respeitar o lugar do outro, na prática da alteridade. Portanto, a questão da identidade cultural seria elementar na prática educativa, não podendo ser desprezada.

Para refletir sobre a importância de dialogar com a realidade dos alunos e aprofundar no entendimento da educação como prática de liberdade, a educadora negra norte americana bell hooks (2017) é essencial, autora entre outros do livro *Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade*. Neste, há o relato da sua própria experiência escolar, universitária e docente, além de abordar questões latentes como mulher negra e feminista, a autora propõe uma pedagogia com entusiasmo. Para ela a escola era um lugar de êxtase, do prazer e do perigo. A autora declarou que suas práticas pedagógicas nasceram da interação entre as pedagogias anticolonialista, crítica e feminista cada uma das quais ilumina as outras. Os negros se viam em lugar de somente responder ou reagir aos brancos. Diante desse entendimento, a educadora percebeu a diferença da educação que trabalha em prol de reforçar a dominação vigente e a que se desenvolve como prática de liberdade.

Para bell hooks (2017), o ensino que gera entusiasmo é parte de uma pedagogia engajada, em que as relações de aprendizado mexem com as emoções e paixões humanas, de indivíduos com seus corpos, desejos e prazeres. Para que isso seja possível é importante ensinar de uma forma que respeite e proteja a alma dos alunos, gerando um aprendizado mais profundo e íntimo. Entretanto, o entusiasmo não é algo que está dado, ele precisa ser gerado e para isso é importante perceber que as práticas pedagógicas não podem ser entendidas de maneira generalizada, fixa ou absoluta aplicável a quaisquer circunstâncias. Há que se respeitar as particularidades, demandas de cada turma, realidades escolares diversas e mesmo de cada aluno. E, principalmente, entender que o entusiasmo nasce do esforço coletivo e está profundamente afetado pela nossa relação com o outro, pelo interesse no outro, em ouvir o outro e reconhecer sua presença. E sendo prática coletiva, é importante que o professor valorize de verdade a presença de cada aluno, não como o único responsável pela dinâmica de sala, mas como o principal. É uma construção coletiva de conhecimento.

Outro aspecto, trazido por bell hooks (2017) diz respeito a importância de alunos e professores se encararem como seres humanos integrais, além dos conteúdos curriculares que possam ter, mas também seus conhecimentos sobre como viver no mundo. Essa proposta com o que foi pensado por outros autores, como Paulo Freire, que na educação crítica havia apontado para relação intrínseca entre o indivíduo e o mundo e que não há como isolá-los.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ou ainda a proposição de uma ecologia dos saberes, pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos (2018), que a partir das epistemologias do Sul considera outras perspectivas além das, capitalista, colonialista e patriarcal, avançando para o engendramento de saberes tradicionais dos povos, suas crenças e os conhecimentos científicos.

O professor que se proponha a trabalhar a educação como prática da liberdade possui muitos desafios e enfrentamentos. Dentre alguns que bell hooks (2017) cita estão: um enfrentamento e autocrítica contínuas, disposição para aprender com os muitos erros do caminhar; o lidar com colegas da profissão que dizem trabalhar com uma pedagogia engajada, mas que a prática é oposta; sofrer críticas de um trabalho com pouca validade acadêmica; o desafio cotidiano de ganhar a confiança de cada turma para que se coloquem e seja gerado o lugar de escuta e trocas coletivas. O caminho de uma educação que promova a liberdade é um desafio de uma transgressão aos sistemas sociais opressores.

Um elemento importante é a conscientização escrita e pensada por Paulo Freire, que segundo bell hooks, age para permitir um processo de descolonização, na luta pela libertação como um estágio inicial de transformação, “momento histórico em que começamos a pensar criticamente sobre nós mesmas e a nossa identidade diante das nossas circunstâncias políticas” (HOOKS 2017, p.67). É no processo de descolonização do eu, que para Grada Kilomba (2019), torna-se sujeito. Para explicar o tornar-se sujeito, a autora fala dos cinco mecanismos freudianos de defesa do ego: negação, frustração, ambivalência, identificação e descolonização. Como último mecanismo está a descolonização, quando as particularidades deixam de ser barreiras as relações, quando se deixa de ser o outro, para existir como o eu, cada um podendo ser autor da sua própria realidade e tornando-se sujeito. Tendo em vista que “para educar para a liberdade, portanto, temos que desafiar e mudar o modo como todos pensam sobre os processos pedagógicos” (HOOKS 2017, p.193).

## ***Rolé na Penha: a escola e seu território***

O projeto *Rolé na Penha* nasceu de um movimento motivado pelo desgaste do professor de História pelo desinteresse dos alunos, vontade de mudança, busca por conhecer e perceber a realidade dos alunos e encontro com as narrativas dos alunos sobre suas próprias histórias, linguagem e referências culturais. O *Rolé* nasceu em uma escola municipal que

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

está localizada próxima a Igreja da Penha, mesmo que muitos alunos não conhecessem, ela é um patrimônio que reflete as memórias familiares e afetivas daquela comunidade.

O professor dispôs-se a trabalhar a Memória, História Local e Educação Patrimonial no Ensino de História através do *Rolé na Penha*. A tentativa foi de aliar o conhecimento do território com as vivências e histórias pessoais, oportunizando a emergência dos sentidos experimentados pelo grupo com relação às suas memórias e território. O professor e os alunos elegeram suas referências culturais do bairro e decidiram realizar atividades de reconhecimento à região e guiamento aos interessados. O *Rolé na Penha*, projeto que possui atividades na escola – internas e fora dela – externas, acontecia uma vez na semana, no contraturno escolar. A participação é por adesão de alunos interessados, que se tornam os monitores do *Rolé*.

A unidade escolar, em que se deu o nascimento do *Rolé na Penha*, passou por um intenso processo de transição, que influenciou para a criação do projeto. No início de 2017 a direção escolar mudou, trazendo consigo o novo Projeto Político Pedagógico (PPP) *Ser e Pertencer* e modificações na estrutura física da escola. Para angariar recursos, reuniram a comunidade escolar, que além do auxílio financeiro, compareceu na escola aos sábados para reformarem o espaço, que estava degradado, retiraram muitas das grades, fizeram uma quadra e ampliaram o espaço de lazer para os alunos, retirando o estacionamento da escola. As paredes cinzas deram lugar ao colorido da arte grafite realizado pelo artista Ângelo Campos<sup>1</sup>, que fez com que cada parede e muro da escola se tornassem ferramentas educativas, nomeada “Galeria Ser e Pertencer”, pela direção escolar.

A Escola, construída em 1966, atende a aproximadamente quatrocentos alunos, divididos em dez turmas, do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino. Ela é uma das cento e sessenta e seis unidades de educação ligadas à 4ª Coordenaria Regional de Educação (CRE). A Secretaria Municipal de Educação do município do Rio de Janeiro (SME/RJ) está dividida em onze coordenadorias para cuidar do total de aproximadamente mil quinhentas e quarenta unidades. É uma escola em área de

---

<sup>1</sup> Ângelo Campos é morador da Vila Cruzeiro, um artista do Grafite, que já espalhou sua arte por muitos lugares do Rio de Janeiro, no Brasil e no exterior. Ângelo teve uma história atravessada pela desigualdade social, criado pela avó e fez da sua arte lugar de subversão e luta, ao que viveu desde a infância, para deixar legado social. Como apresenta a reportagem do El País de 2014 “Eu também sou um “menino da favela””, disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/26/cultura/1393444893\\_079186.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/26/cultura/1393444893_079186.html)> Acessado em: 13/11/2020.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

risco, que frequentemente sofre com a violência do entorno e muitos dias letivos precisam ser suspensos para garantir a segurança.

A Vila Cruzeiro é uma das favelas que compõem o Complexo da Penha, na zona norte do Rio, com cerca de 8.600 habitantes segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010. Ela teve um processo de construção anterior a muitas favelas na cidade, já que seu início remonta ao antigo Quilombo da Penha, lugar de resistência e cultura negra nos arredores da Igreja da Penha; e que até hoje imprime seu legado na presença da capoeira, ou com os bailes funk. Nas últimas décadas a violência urbana tem crescido, principalmente nos enfrentamentos entre policiais e supostos bandidos. A cidade tem sofrido como um todo, mas as áreas periféricas muito mais. O geógrafo, diretor do Observatório das Favelas, Jorge Luiz Barbosa diz que mesmo reunindo marcadores da cultura carioca, as favelas ainda são consideradas territórios carentes, miseráveis e violentos; e que “tais expressões são redutoras da vida social das favelas e do não reconhecimento da pluralidade cultural destes territórios populares” (2014, p. 223). O geógrafo pontua que o território é um produto dos enlaces sociais e que a cultura é a prática significativa de apropriação e uso do território. A pluralidade cultural é fundamental para gerar uma criatividade e inventar o futuro, entretanto a padronização da cultura traz uma homogeneização redutora.

O *Rolé na Penha* teve algumas etapas para o seu funcionamento. Após a elaboração do glossário e realização dos mapas afetivos, foram definidas as referências culturais do bairro da Penha e sua localidade: a Escola Municipal Bernardo de Vasconcelos, o Antigo Castelinho da Penha, a Rua dos Romeiros, o Antigo Cinema São Pedro, o Parque Shangai, a Igreja da Penha, as Quatro bicas e Parque Ari Barroso. A partir do que os alunos sugeriram visitas aos locais e a realização de um guiamento nesses locais para as pessoas interessadas. Para que isso fosse possível, o professor organizou o projeto, buscou as devidas autorizações, fez uma formação de quatro encontros com os interessados em ser monitores e coletivamente estruturaram como seria essa saída da escola.

Como o projeto acontecia uma vez por semana, nos dois anos em que foi executado (2018-2019), ele tinha a previsão de uma semana na escola e outra fora, no guiamento. A proposta dentro da escola ocorria bem, entretanto, foi muito difícil manter uma periodicidade

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

nas visitas externas, já que muitas vezes a atividade precisava ser cancelada em decorrência da violência local e segurança da comunidade escolar e demais visitantes.

Mas o que o *Rolé na Penha* apresentava de diferente ou peculiar, que um guia turístico não pudesse realizar? Nos dias do Rolé na escola eram dias de trocas e aprendizados coletivos, quando os monitores levavam suas experiências e memórias pessoais e em atividades mediadas pelo professor, construía suas histórias sobre cada referência cultural e os alunos escolhiam sobre que local gostaria de falar sobre ou apresentar nas saídas. Então chegar na Igreja da Penha com o grupo do *Rolé na Penha*, não era ouvir apenas sobre quando a igreja foi construída ou seu mito de fundação, era também saber das memórias familiares de alunos e professores, que tiveram pais, tios ou avós que se conheceram na Festa da Penha e por isso formaram família, ou uma briga e desentendimento dos conhecidos, ou das comidas que eram saboreadas por lá. Escutar sobre as quatro Bicas, vai além de entender que aquela foi a primeira fonte de água para os moradores da Vila Cruzeiro, é também saber sobre quem pega ou não água lá até hoje. Portanto é uma visita que relaciona as referências culturais as memórias locais, que trazem sentido, pertencimento e reconhecimento aos envolvidos no projeto e ressignifica o processo de ensino aprendizagem.

## **O Dicionário da RaPAZIada<sup>2</sup> e Mapas afetivos: a língua e sua territorialidade**

Cada localidade possui suas peculiaridades culturais, vivas e está em constante movimento, sendo a língua um de seus elementos fundamentais. Para conhecer e adentrar no mundo dos alunos, o professor percebeu que a primeira barreira a vencer seria a linguística, que precisaria “falar a língua deles”. Em um dia de aulas de história, o professor elencou as palavras que eram usadas por eles e seus significados. Logo percebeu que eram tantas expressões e decidiu reuni-las em um glossário, que teve como objetivo valorizar a linguagem dos alunos e a cultura da comunidade. O “Pega a Visão - Dicionário da RaPAZIada” foi impresso em folha A4 e distribuído para todos os alunos e professores. O que oportunizou uma interação maior entre todos e facilitou o trabalho de português nas turmas. O material teve sua primeira edição em 2017 e teve reedições em 2018 e 2019.

---

<sup>2</sup> No ano escolar de 2017, o então secretário municipal da educação no Rio de Janeiro, propôs que as escolas trabalhassem a temática “Rio lugar de paz”. O professor pensou em trabalhar com a ideia de que quem que faz a paz é a rapaziada, e dentro da palavra estava contida a palavra paz.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Sobre a importância da língua, o pensador negro martinicano Frantz Fanon (2008) declarou que “falar é existir absolutamente para o outro... Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização.” (FANON, 2008, p.33). Para o autor, essa era uma tentativa de se adequar ao outro e sua cultura, porque um negro seria menosprezado pelo que era e precisaria afirmar sua capacidade de ser semelhante ao outro, mesmo que para isso tivesse que deixar de lado “quem é”. Ou seja, um processo de dor para ser, que vem pelo domínio linguístico.

A língua é uma expressão cultural de uma sociedade. Ao longo da história, nas dominações dos povos, a língua dos vencedores e, portanto, mais fortes era imposta aos demais. O professor Gabriel Nascimento fez um estudo sobre o racismo linguístico, em que entende o preconceito racial atrelado ao social e linguístico. Para o autor, “o racismo é produzido nas condições históricas, econômicas, culturais e políticas, e nelas se firma, mas é a partir da língua que ele materializa suas formas de dominação” (2019, p.19).

A língua como instrumento de dominação está ligada a ideia de superioridade entre os indivíduos. Se a língua foi criada para que o sujeito nomeasse o mundo e se enunciasse, a língua traz poder de designar. Dentro da proposta de dar nome as coisas, muitos termos começam a ser utilizados para menosprezar o outro, palavras de cunho pejorativo e racistas, como por exemplo, “denegrir”. A língua serve, em muitos casos, para subjugar os que não detém as normas e conhecimentos supostamente necessários para que em seu “bom” uso o sujeito possa ter seu lugar social identificado. Além da língua falada, mais ainda a escrita delimita um objeto de poder, que separa quem o faz, de quem não o faz. Na escrita, os intelectuais reproduzem e até mesmo recriam sua linguagem racista. Contudo, a língua é viva e passa por diversas mudanças acompanhando as mudanças sociais e como frisa Gabriel Nascimento, as línguas podem também compreender espaços de luta e resistência.

A intenção na elaboração do “Dicionário da RaPAZiada” foi de validar e legitimar a cultura local, a partir da linguagem que estabelece a comunicação entre os alunos. Existem vivências, que para serem manifestas precisam de linguagem culturalmente específica. A educadora bell hooks (2017) diz que através da língua tocamos uns aos outros, em experiências e paixões. E que vernáculos específicos podem ser utilizados como uma língua contra hegemônica e forma de libertação, quando a língua oficial não consegue expressar

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

isso. No caso do projeto observado, a disposição do docente em dialogar e conhecer a cultura do aluno, auxiliou no desenvolvimento da prática escolar.

Após a aproximação pela linguagem, o professor pediu aos alunos que desenhassem o caminho de casa para a escola, colocando tudo o que eles viam e sentiam nesse trajeto. Essa aula foi planejada, mas o resultado dela excedeu as expectativas, segundo o professor, pois todos os alunos queriam participar e um dialogando com o mapa do outro. Já que além da linguagem específica, os alunos se mostraram detentores da geografia local da Vila Cruzeiro. Eles corrigiram o professor sobre os limites da comunidade e lhe ensinaram os conhecimentos sobre a Penha, que ele desconhecia.

O resultado da atividade gerou mapas afetivos, que são ricos em detalhes e muito interessantes para uma análise noção de espaço e território dos alunos. Assim como perceber cada elemento que os alunos escolheram demarcar como referências dos seus trajetos. Dentre os itens recorrentes destacam-se os estabelecimentos de vendas de produtos alimentícios, as escadarias, aglomerações de moradias, becos e locais de tráfico de drogas.

## ***Rolé da Penha como uma experiência de Educação Patrimonial***

O *Rolé na Penha* pode ser compreendido como uma experiência do processo educativo em relação aos patrimônios culturais. Para isso, utiliza-se o termo Educação Patrimonial para observação, que de acordo com a portaria 137 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) entende:

Art. 2º Para os efeitos desta Portaria, entende-se por Educação Patrimonial os processos educativos formais e não formais, construídos de forma coletiva e dialógica, que têm como foco o patrimônio cultural socialmente apropriado como recurso para a compreensão sócio histórica das referências culturais, a fim de colaborar para seu reconhecimento, valorização e preservação. (BRASIL, 2016)

Segundo o documento legal, a Educação Patrimonial é um processo educativo construído coletiva e dialogicamente, para a compreensão socio-histórica das referências culturais. A partir dessa orientação, observou-se o projeto escolar *Rolé na Penha* e a relação com os patrimônios referenciados no bairro da Penha, não como finalidade da atividade, mas como um caminho para ressignificação da percepção patrimonial, da história local, do pertencimento à escola, das memórias afetivas da comunidade e da própria via. Como

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

apontam Regina Abreu e Rodrigo Silva (2016) a Educação Patrimonial pode ser uma possibilidade de construir caminhos, vivenciar experiências na tessitura da história, para as leituras de patrimônios no plural.

Para a reflexão sobre do *Rolé na Penha* enquanto uma experiência benjaminiana de Educação Patrimonial, dotado de uma narrativa que perpassa a questão da língua como instrumento de luta. Pois de acordo com Benjamin “qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” (1994, p.115). Pergunta esta que o antropólogo José Reginaldo Gonçalves fez uma importante reflexão sobre:

Numa perspectiva identificada como “crítica da cultura”, o autor apontava a “perda da experiência” como uma característica da modernidade. No entanto, é possível que, se concebemos os patrimônios do ponto de vista etnográfico, se abrimos essa categoria e exploramos suas outras dimensões, podemos encontrar formas de patrimônio cultural no mundo contemporâneo que estejam fortemente ligadas à experiência. (GONÇALVES, 2005, p. 32)

Para evidenciar a relevância da formulação de José Reginaldo Gonçalves, de que é possível no mundo contemporâneo encontrar formas de patrimônio cultural ligadas a experiência, seguem relatos de dois alunos monitores do *Rolé na Penha*, de outubro de 2019, falando sobre como entendiam a importância de suas participações no projeto:

O Rolé mudou bastante coisa na minha vida. Por causa que eu antes, eu mesmo passava pelo bairro não tinha cuidado nenhum porque era apenas o bairro e não gostava de morar aqui. Mas depois do Rolé eu comecei a ver que aqui é um dos lugares que tem bastante coisa, que lugares a gente não tem? A gente tem a história local a gente tem o ar livre, eu tenho o livre direito de falar, de se expressar, coisas que tem lugar que a gente não tem, são várias regras e tal. O Rolé valeu, ajudou bastante nessas coisas, ajudou a escola, a comunidade e a cada um, assim mesmo fazendo várias propagandas, divulgando a história do bairro local. (aluno monitor do Rolé na Penha de 13 anos, do 8º ano)

O Rolé na Penha, que o nosso professor trouxe, esse projeto no sentido de união entre os alunos e os professores e a passear entre a rua, que como muitos dizem que a Penha é lugar de preto favelado. Eu gosto muito do projeto, porque esse projeto veio pra trazer, não pra tirar a gente da escola, né? Ah, vai tirar aluno da escola? Vai tirar um que quer estudar? Não, esse projeto ele dá aula pra gente e a gente aprende coisas que a gente não sabia dentro da escola. E a importância dele é muito grande, porque nós alunos precisamos disso. A gente conhece bastante a Penha, alguns pontos a gente pode pesquisar entre nossos avós, as bisavós e perguntar o que eles passaram nesses pontos. É muito legal porque tinha coisa aqui que eu não sabia dentro da Penha. Tipo as quatro bicás, o castelinho, a Rua dos Romeiros, essas coisas eu não sabia da história, da existência.” (aluno de 15 anos, 9º ano)

## Considerações Finais

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O *Rolé na Penha* é uma experiência de narrativa específica para aquela comunidade escolar e realidade. Um projeto com vários enfrentamentos, seja pela falta de recursos escolares, as demandas de mudança de currículos mais pertinentes as necessidades, pelas desigualdades sociais, a violência na região. A educação escolar não tem, definitivamente, um caráter salvacionista de sua comunidade e seus indivíduos, mas ela é fundamental para a construção de mudanças nas perspectivas de vida dos educandos em formação. A proposta de pensar a educação como prática de liberdade a partir da identidade cultural dos seus sujeitos e a sala de aula como lugar de entusiasmo dialoga com a formulação do projeto escolar *Rolé na Penha*.

Na pesquisa foi possível observar que o *Rolé na Penha* é parte de um processo coletivo de construção de conhecimento naquela comunidade escolar. Por meio do Ensino de História, das trocas e mudanças nas relações do professor e alunos, das histórias de vida, patrimônios e seus significados na história local e memórias, é que o projeto acontece. No ano de 2020 as atividades foram interrompidas em decorrência da pandemia. Mas mesmo das dificuldades advindas deste momento de isolamento social, uma postagem nas redes sociais evidenciou que o *Rolé na Penha* continua educando. Em uma das atividades sugeridas pela direção escolar, para que os alunos gravassem vídeos indicando livros que gostaram de ler, um dos alunos postou um vídeo na laje da sua casa, no alto da Vila Cruzeiro, do livro “Amaro da Maré” que ganhou durante a formação do *Rolé na Penha*. O aluno dizia que o livro fala sobre a realidade da favela e é importante que as pessoas a conheçam.

Finalmente, conclui-se que o *Rolé na Penha* é um projeto de Educação Patrimonial, que apresenta como a experiência com o patrimônio pode ser proativa na possibilidade de ressignificação da educação, através das sensações, memórias afetivas, familiaridades, inserção social e o se ver a partir do patrimônio. Portanto, uma prática pedagógica potente e necessária a educação periférica na luta contra as desigualdades sociais e a supressão dos direitos das minorias.

## Referência Bibliográfica

ABREU, Regina; SILVA, Rodrigo M. D. *Educação e processos de patrimonialização cultural: À guisa de introdução*. MOUSEION, Canoas, n.23, abr.2016, p.7-13. ISSN 1981-7207.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

BARBOSA, Jorge Luiz. A favela na cena cultural urbana do Rio de Janeiro. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n.36, p. 217-234, jul/dez 2014.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: sobre literatura e história cultural*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. -7.ed.- São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, D.O. Portaria nº137, 28/04/2016.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1994.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 1, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. *Memórias de Plantação- Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobodó, 2019.

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo Linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Do Controverso “Chão Da Escola” Às Controvérsias da Etnografia: aproximações entre Antropologia e Educação. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 23, n. 49, p. 149-176, set./dez. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832017000300006>

RIBETTO, Anelice; FILÈ, Valter. Da experiência à narrativa. In: PÉREZ, Carmen L.V (org.). *Experiências e narrativas em Educação*. Niterói-RJ: Eduff, 2017.

SANTOS, Boaventura Souza. *Na oficina do sociólogo artesão*. São Paulo: Cortez, 2018.